

Ady Raul da Silva

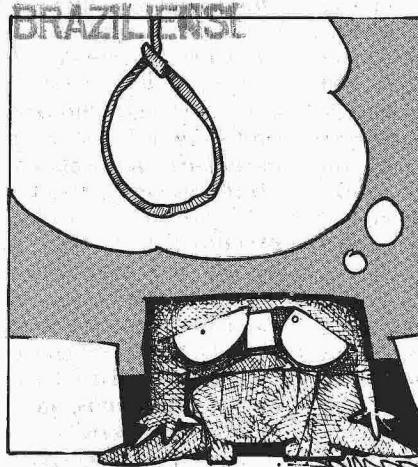
Grande número de pessoas sofre de um mal conhecido como depressão emocional. Consideram-se inferiores às demais, põem ênfase nos seus defeitos e limitações vendo tudo com pessimismo. Como consequência, diminuem elas a sua capacidade de trabalho, perdem o prazer de viver, passam a ter uma tendência para o suicídio e ficam incapacitadas para progredir por renunciarem às suas ambições e tornam-se alvo da exploração dos outros.

Existem remédios que ajudam a controlar a doença, e também o tratamento psicológico, que inclui o reconhecimento pelo próprio paciente do seu mal e que pode superá-lo, ao saber que a doença exagera as suas limitações, que a origem de sua doença é mais de uma visão e interpretação dos fatos e que os outros têm problemas idênticos ou maiores, mas não se deixam abater, lutam e vencem ou convivem com as suas dificuldades e limitações.

No momento, a sociedade brasileira vive um estado de depressão psicológica semelhante a de pessoas que sofrem desse mal. A regra é falar mal do País, exagerar os seus defeitos, dizer que não há saída para as suas dificuldades, comparar sempre desfavoravelmente com outros países e aceitar sem criticar as opiniões dos outros quando lhe são contrárias. Sua visão pessimista leva à renúncia da competitividade cedendo ante a propaganda dos outros.

O estado depressivo emocional do País é evidenciado por uma leitura dos jornais e revistas, pelo noticiário das televisões e pelos comentários diários do povo, onde as opiniões negativas sobre o Brasil são objeto de destaque especial.

Essa atitude demonstra o estado depressivo emocional da sociedade como um todo, e no plano individual, o desejo de se mostrar superior e bem-informado, dando na realidade uma demonstração de falta de con-



cimento completo do assunto e falta de raciocínio.

As consequências dessa depressão estão evidentes em uma série de fatos. Um número crescente de brasileiros está aplicando as suas economias no exterior. Já há brasileiros comprando imóveis e promovendo a incorporação de prédios de apartamentos em Miami. Agricultores brasileiros estão levando a sua tecnologia e capital para o Uruguai e a Argentina, para plantarem arroz. O brasileiro, que era um dos povos que menos emigrava, está agora emigrando principalmente para os EUA.

Há uma divulgação intensa e muitas vezes incorreta de que os produtos da indústria nacional são inferiores e estão atrasados tecnologicamente. Como consequência da campanha contra os automóveis nacionais, o Brasil está importando carros inferiores aos aqui produzidos, conforme avaliação de publicações especializadas. O Brasil, que é exportador de automóveis, fica em má posição com essa campanha. Se os próprios brasileiros apregoam que seus produtos são inferiores e preferem os estrangeiros, por que os estrangeiros vão comprá-los?

A verdade é que há mercado mundial e no Brasil para produtos menos aperfeiçoados. No mercado nacional, os automóveis mais procurados são os

que têm menor sofisticação, são os modelos básicos, mais baratos, e são os mesmos que têm tido aceitação tanto na Europa como nos Estados Unidos. O mesmo se verifica com a indústria aeronáutica. O Brasil não tem capacidade de competir, no momento, com os fabricantes de aviões a jato que são os de tecnologia mais avançada, mas tem sido eficiente e competitivo nos aviões a hélice, conforme está demonstrado pela exportação dos aviões Bandeirantes, Brasília e Tucano, para os EUA, Inglaterra e França.

A solução para tal estado de depressão é a mesma que para os casos individuais, com exceção de que não se pode utilizar produtos químicos, mas apenas os de natureza psicológica. Em primeiro lugar, deve-se divulgar a verdade completa, e não apenas os aspectos negativos. É preciso, ao dar as notícias menos favoráveis, mostrar também os aspectos positivos.

Na comparação com os produtos importados, deve-se mostrar que alguns têm aperfeiçoamentos, mas que a sua incorporação os torna muito mais caros e inacessíveis à maioria dos consumidores nacionais. A importação de itens já produzidos no Brasil vai causar o desemprego na mesma proporção de sua importação. É preciso divulgar que nem sempre se pode ser o mais eficiente em tudo, mas que é vantagem proteger a nossa produção como o fazem os países ricos, como por exemplo os Estados Unidos, que obrigaram os japoneses a exportarem menos automóveis para eles. Também protegem os seus produtores de suco de laranja contra a concorrência do suco brasileiro que produzimos a menores custos do que eles. Fazem o mesmo com o açúcar e com um sem número de outros produtos. Eles não reconhecem a sua inferioridade nesses e outros setores.

■ Ady Raul da Silva é engenheiro agrônomo e membro titular da Academia Brasileira de Ciências